

Construção da identidade paterna e licença paternidade: uma perspectiva de pais

Construcción de la identidad paterna y licencia de paternidad: una perspectiva de los padres

Paternal identity construction and paternity leave: the 'fathers' point of view

Julia do Couto Bueno

*Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM),
Uberaba – MG/Brasil*

ORCID: 0000-0001-6618-3522.

E-mail: psijuliacoutobueno@gmail.com

Conceição Aparecida Serralha

*Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM),
Uberaba – MG/Brasil*

ORCID: 0000-0003-4916-7410.

E-mail: serralhac@gmail.com

Resumo

O objetivo deste estudo é analisar a perspectiva paterna acerca da licença paternidade e a utilidade desta para a construção da identidade paterna. Participaram desta pesquisa 10 pais-homens: cinco, que tiveram licença paternidade de cinco dias, e outros cinco, que tiveram licença paternidade de 20 dias. Os participantes preencheram um formulário sociodemográfico e realizaram uma entrevista semiestruturada individual por meio de vídeo chamada, que foi gravada e transcrita. Os dados foram analisados através da análise temática e os resultados foram discutidos com subsídios da teoria psicanalítica winnicottiana. Os resultados mostraram que a licença paternidade é um período valorizado pelos homens e que incentiva a paternidade, além de exercer influência na dupla mãe-bebê. Porém, notou-se que a forma como a licença paternidade é executada não contempla as necessidades dos pais-homens, das mães e dos filhos, pois a volta breve ao trabalho se torna um impeditivo para o exercício das funções demandadas. Logo, é necessário o desenvolvimento de espaços de escuta e acolhimento para que esses homens possam expor os seus anseios e angústias acerca da paternidade. Esses espaços também são importantes para se entender ainda mais o quanto efetivo é esse período de licença.

Palavras-chaves: Licença paternidade; Identidade paterna; Relação pai-bebê.

Resumen

El objetivo de este estudio es analizar la perspectiva paterna acerca de la licencia de paternidad y la utilidad de ésta para la construcción de la identidad paterna. Participaron en esta investigación 10 padres-hombres: 5 que tuvieron una licencia de paternidad de 5 días y otros 5 que tuvieron una licencia de paternidad de 20 días. Los participantes completaron un formulario sociodemográfico y realizaron una entrevista semiestruturada individual a través de videollamada, que fue grabada y transcrita. Los datos fueron analizados mediante análisis temático y los resultados fueron discutidos con el apoyo de la teoría psicoanalítica winnicottiana. Los resultados mostraron que la licencia de paternidad es un período valorado por los padres-

hombres, que fomenta la paternidad y parece tener influencia en la díada madre-bebé. Sin embargo, también se observó que la forma en que se ejecuta la licencia de paternidad no satisface las necesidades de los padres-hombres, las madres y los hijos, ya que el regreso temprano al trabajo representa un obstáculo para el ejercicio de las funciones requeridas. Por lo tanto, es necesario desarrollar espacios de escucha y acogida para estos hombres, para que puedan expresar sus anhelos y angustias acerca de la paternidad. Estos espacios también son importantes para comprender aún más la efectividad del período de licencia.

Palabras clave: Licencia de paternidade; Identidad paterna; Relación padre-bebé.

¹Os autores declaram que esta contribuição é original e inédita. Desse modo, assegura-se que a obra não foi publicada em outro periódico científico.

Abstract

This study aims at to analyzing the paternal perspective around paternity leave and this utility in the construction of the paternal identity. Ten fathers-mans participated in this study: five, which had five days of paternity leave and another five, which had twenty days of paternity leave. The participants filled out a sociodemographic form and took part in a semi structured individual interview through video conference, which was recorded and transcribed, the datas were analyzed through thematic analysis and the results were discussed with subsidies from Winnicottian psychoanalytic theory. The results indicate that the paternity leave is a moment

treasured by these fathers-mans, encourages paternity and seems to hold influence on the mother-infant pair. However, the manner how paternity leave is currently done does not contemplate the necessities of the fathers-mans, mothers and children, since having to return to work so soon represents an impediment executing the functions demanded of him, therefore, it is necessary to develop spaces for listening and welcoming these men so that they can express their anxieties and concerns about fatherhood. These spaces are also important to further understand how effective the paternity leave period is.

Keywords: Paternity leave; Paternal identity; Father-baby relationship.

Introdução

As transformações sociais e culturais, que vêm ocorrendo desde o século passado e que se mostram presentes no momento, estão propiciando o surgimento de novos valores e padrões comportamentais, assim como novas representações referentes ao masculino e ao feminino (Liskoski & Jung, 2018; Matos & Magalhães, 2019). Essas transformações também têm influenciado as configurações familiares. Há algumas décadas temos assistido a uma permanente queda da hegemonia do modelo de família tradicional, caracterizada por ser uma instituição predominantemente voltada para a transmissão de patrimônio, cuja união conjugal era firmada a partir de acordos por conveniência, nos quais o pai possuía poderes ilimitados sobre os outros membros da família (Liskoski & Jung, 2018; Pinheiro, Galiza & Fontoura, 2009; Santos & Antunez, 2018).

Assim, os homens que antes possuíam um local de destaque na sociedade, agora têm seu lugar de autoridade questionado, suscitando alterações no lugar ocupado pelo pai (Matos & Magalhães, 2019). A função paterna atual perpassa o papel tradicional do homem e tem suas representações expandidas (Liskoski & Jung, 2018). Desse modo, a paternidade pode ser descrita como um processo que ocorre a partir de práticas de cuidados inseridas na relação entre pais-homens e filhos e que é marcada por emoções diversas, mudanças e

conhecimentos que o pai busca para exercer o seu papel (Silva, Silva, & Bueno, 2014).

Nesse cenário, nota-se que o homem tem sido chamado cada vez mais ao âmbito privado/doméstico, desconstruindo o estereótipo de pai incompetente e desinteressado (Castoldi, Gonçalves & Lopes, 2014; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2004). Nas novas configurações familiares, percebe-se que o cuidado com os filhos não envolve apenas atender às necessidades fisiológicas básicas da criança, mas também garantir aos filhos um espaço de afeto e sustentação emocional (Moreira, 2022). Essa mudança e alteração no comportamento masculino e nas funções desempenhadas pelo pai são decorrentes da introdução da mulher no mercado de trabalho, dos avanços tecnológicos na área de inseminação artificial, do uso de métodos contraceptivos, do novo papel do trabalho social, dentre outros fatores socioeconômicos (Piccinini et al., 2004; Instituto Promundo, 2019; Liskoski & Jung, 2018).

Dessa forma, os pais-homens estão mais ativos em sua parentalidade, o que impacta diretamente no desenvolvimento dos filhos (Piccinini et al., 2004). Segundo Andrade, Praun e Benincasa (2018), Backes, Becker, Crepaldi e Vieira (2018), e Castoldi et al. (2014), a presença paterna é positiva, pois facilita a passagem do mundo da família para o mundo social, propicia o contato com a agressividade e com a afirmação de si, ajuda no

desenvolvimento da capacidade de se defender e de explorar o ambiente, além de caber ao pai o papel de sustentador da maternagem suficientemente boa (Serralha, 2017a).

Contudo, mesmo sendo convidados a ocupar novos espaços e assumir novos papéis dentro da família (Fitermam & Moreira, 2018), observa-se que os homens ainda possuem poucos direitos de assumir a função de pais, uma vez que a sociedade não lhes deu condições para que esse papel possa ser assumido de forma correta (Levandowski & Piccinini, 2002). As leis, políticas e sentenças judiciais desconsideram o impacto que o nascimento de um filho gera no homem (Pinheiro et al., 2009). De acordo com Moura-Ramos e Canavarro (2007), o nascimento de um filho pode ser fonte de satisfação devido à realização pessoal, mas, ao mesmo tempo, pode ser fonte de estresse devido à necessidade de reorganização individual, conjugal, familiar e profissional e às exigências de prestação contínua de cuidados que um bebê demanda.

Essa dificuldade de aquisição de direitos é decorrente da noção preconcebida de amor materno enraizada no imaginário cultural e da falta de pesquisas, estudos e levantamentos nacionais sobre o envolvimento paterno (Instituto Promundo, 2019; Liskoski & Jung, 2018). No Brasil, são poucos os registros legais que asseguram e protegem o exercício da paternidade (Silva et al., 2014; Dal-Rosso, Silva, Pieszak, Ebling & Silveira, 2019; Santos, Campana & Gomes, 2019;). Dentre esses estão: a licença paternidade, surgida em 1988 e reconhecida como direito através do Art. 7, inciso XIX da Constituição Federal, que garante ao servidor cinco dias consecutivos de licença paternidade; o Marco Legal da Primeira Infância (Lei nº 13.257), que permitiu a ampliação da licença em até quinze dias para os trabalhadores vinculados ao programa Empresa Cidadã; e o decreto nº 8.737, de 3 de maio de 2016, que permitiu a ampliação da licença paternidade para servidores públicos federais.

Embora existam esses registros legais que asseguram a paternidade, torna-se difícil saber como os homens estão usufruindo desses

marcos legais. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Promundo em 2019, sobre a situação da Paternidade no Brasil, existem poucas estimativas confiáveis sobre o percentual de pais-homens que tiram a licença paternidade. Desse modo, sem esses dados fica difícil obter informações quanto ao uso, à ampliação e à possibilidade de alcançar a licença parental igualitária.

Dentro desse contexto de transformações na paternidade e visando contribuir para a diminuição das lacunas existentes sobre o tema, este estudo traz os resultados de uma pesquisa que objetivou investigar a perspectiva paterna acerca da importância da presença do pai para o desenvolvimento do filho e como a licença paternidade pode auxiliar o homem no desenvolvimento da identidade e exercício parental.

Método

Este é um estudo exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa. Por meio dessa abordagem, foi possível uma maior aproximação da temática estudada e melhor compreensão da perspectiva dos participantes acerca da paternidade e da licença paternidade. Isso porque, em uma investigação desse tipo, o entrevistador se torna uma ferramenta essencial, pois vivencia de maneira intensa a experiência com os participantes (Gil, 2019).

Participantes

Participaram do estudo 10 homens com idade entre 27 e 48 anos. Como critério de elegibilidade dos participantes, foi estipulado: ser pai, estar casado ou em união estável no momento da entrevista e ter passado ou estar passando por apenas uma licença paternidade. Foram excluídos os participantes que tinham alguma deficiência física, sensorial ou intelectual/cognitiva que pudesse interferir no alcance dos objetivos, em razão de não ser possível, por meio da metodologia adotada, verificar a existência dessa interferência ou não; e pais que adquiriram a licença paternidade devido à adoção, mesmo

entendendo a necessidade da licença paternidade nesse momento, é importante salientar que a licença paternidade obtida em razão da adoção pode ter características diferentes como a adoção de crianças mais velhas ou adolescentes. Para preservar o

anonimato, os participantes foram identificados pela letra “P” seguida de um número. A tabela 1 apresenta algumas características dos participantes, as denominações usadas no estudo para identificá-los e o período de licença paternidade de cada um.

Tabela 1.

Perfil dos participantes durante a licença paternidade

Participante	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Trabalho	Renda	Tempo de Licença
P1	37	Casado	Ensino Superior Completo	Público	9 a 12 salários mínimos	20 dias
P2	31	União Estável	Ensino Superior Completo	Público	9 a 12 salários mínimos	20 dias
P3	36	Casado	Ensino Superior Completo	Público	9 a 12 salários mínimos	20 dias
P4	38	Casado	Ensino Superior Completo	Público	9 a 12 salários mínimos	20 dias
P5	34	Casado	Ensino Superior Completo	Público	3 a 6 salários mínimos	20 dias
P6	48	Casado	Ensino Superior Completo	Público	3 a 6 salários mínimos	5 dias
P7	41	Casado	Ensino Superior Completo	Público	9 a 12 salários mínimos	5 dias
P8	27	União Estável	Ensino Superior Completo	Privado	1 a 3 salários mínimos	5 dias
P9	45	Casado	Ensino Superior Completo	Público	9 a 12 salários mínimos	5 dias
P10	32	União Estável	Ensino Superior Completo	Público	1 a 3 salários mínimos	5 dias

Fonte: Elaboração própria dos autores

Instrumentos

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados dois instrumentos: uma ficha sociodemográfica e uma entrevista semiestruturada, ambos elaborados exclusivamente para esta investigação. A escolha pela entrevista semiestruturada se deu por suas características, que permitem mais

liberdade ao entrevistador para explorar as questões de maneira ampla (Santos, Jesus, & Battisti, 2021).

Procedimentos de coletas e análises de dados

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa de uma Universidade Federal do interior de Minas Gerais (CAAE nº: 26423119.7.0000.5154), foi feito um levantamento de instituições que forneciam licença paternidade de vinte e cinco dias. Com base nisso, os setores de recursos humanos e departamentos pessoais desses locais foram contatados, solicitando o encaminhamento de um convite aos seus colaboradores e funcionários para participação na pesquisa. Os interessados em participar entraram em contato com a pesquisadora e, a partir desse contato inicial, foram esclarecidas dúvidas sobre a pesquisa e sua execução, que, apoiada pelo ofício circular 2/2021 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), teve seus instrumentos aplicados de forma remota.

Alguns participantes também foram buscados nas redes sociais e em grupos *on line* sobre paternidade. Para isso, foram feitas postagens de apresentação da pesquisa com o contato da pesquisadora. Aqueles que se interessaram fizeram um contato inicial no qual foram esclarecidas as dúvidas sobre a pesquisa. Após as explicações e acordos iniciais, foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por *e-mail* e preenchido através do *Google Forms*. Depois do preenchimento deste, foi encaminhado o formulário sociodemográfico pelo *Google Forms* e agendada a data da entrevista, realizada pelo *Google Meet*. Essas entrevistas duraram, em média, trinta minutos e foram registradas em gravação disponibilizada pela plataforma *Google Meet* e transcritas em *Microsoft® Office Word*.

Os dados obtidos neste estudo foram analisados por meio da Análise Temática, que faz uma decodificação temática a partir da análise das entrevistas, permitindo identificar, analisar, interpretar e relatar padrões (temas) (Souza, 2019).

Resultados e discussão

As entrevistas foram codificadas e tiveram os seus dados organizados em categorias teóricas que foram interpretadas de acordo com a dimensão teórica adotada, o que constituiu, três categorias temáticas que serão discutidas na seguinte ordem: Período pré licença-paternidade: preparação e o nascimento de um pai; A licença paternidade e as interações e cuidados com o filho; Licença paternidade e seu reflexo na nova dinâmica familiar.

Período pré licença paternidade: preparação e nascimento de um pai

Nesta categoria os participantes narraram algumas de suas vivências do período gestacional, especialmente durante o pré-natal e a forma como isso foi significativo para a sua experiência como pai. O fato de a trajetória masculina rumo à parentalidade diferir da feminina, uma vez que somente a mulher pode sentir o filho crescer dentro de si (Piccinini, Levandowski, Gomes, Lindenmeyer, & Lopes, 2009; Liskoski & Jung, 2018;), faz com que os homens busquem participar dos momentos iniciais de maneira diferente.

A participação do pai durante a gestação, as suas inquietações, as atividades que envolvem a organização para a vinda do bebê e o amparo emocional à mãe ganham novos significados para os homens, pois essa é a maneira de eles se sentirem incluídos nesse período inicial (Piccinini et al., 2004). Os participantes compreenderam a sua presença de diferentes maneiras. P2, por exemplo, entendeu que esse era um momento para entender o que seria necessário mudar na sua rotina. Já P8 considerou que o pré-natal faz parte de processos formadores: “*esse período ajuda a acessar a ideia de que estamos virando pai e que está vindo uma criança.*”

Além disso, a paternidade é uma construção, um processo que ocorre a partir de práticas de cuidado inseridas na relação entre pais-homens e filhos, não sendo constituída apenas no nascimento. Essa relação é iniciada mesmo antes do pré-natal e se dá, basicamente,

a partir das experiências e da interação que estabelecem com o bebê (Piccinini et al., 2009; Menezes, Scorsolini-Comin, & Santeiro, 2019).

Liskoski e Jung (2018) reforçam a importância desse momento inicial e da presença do pai na fase gestacional. Segundo as autoras, esse período inicial é importante, pois é um momento de elaboração dos novos papéis a serem desenvolvidos e a relação construída nesse momento servirá de apoio após o nascimento. Um exemplo disso foi dado por P6, que considerou a sua presença no período gestacional importante, uma vez que participar de todo o processo do pré-natal o ajudou a ir se acimatando com a nova fase que estava chegando.

Porém, nem todos os pais compreendem a importância desse momento inicial ou da fase gestacional, visto que a construção de vínculos entre pai e bebê ocorre de forma mais lenta, consolidando-se gradualmente após o nascimento. Para Liskoski e Jung (2018), existe relação entre uma gravidez desejada e um envolvimento paterno mais efetivo. Segundo Vieira (2018), se o desejo da gravidez estiver presente em ambas as partes, o casal compartilha as responsabilidades e cuidados com mais empenho, influenciando o desenvolvimento da criança. Em relação a esse aspecto, os participantes relataram:

A gente teve que recorrer à fertilização in vitro, à reprodução assistida, então eu vi as meninas desde quando elas eram um espermatozóide e um ovócito, eu as reconheci ali, então eu já sabia que estava sendo pai (P4).

Foi uma gestação planejada de certa forma, então quando se passa por esse processo de planejamento, começa uma outra coisa de começar a planejar quarto, pensar nomes, cuidados, expectativas (P7).

P4 trouxe uma perspectiva semelhante à de P7, porém P4 recorreu à reprodução humana

assistida (RHA) e, segundo Haslinger e Bottoli (2017), os vínculos paternos criados mediante as intervenções da ciência não possuem como determinantes somente as questões biológicas. Nesses casos, os casais estão no mesmo plano, acompanhando tudo desde a concepção até o nascimento. O vínculo, então, acaba se estabelecendo com pouca relação com a filiação biológica e tendo mais relação com o desejo parental de procriar. Isso faz com que prevaleça o elemento afetivo sobre o biológico.

Ainda no período inicial e gestacional, o pai já desenvolve funções de suporte e apoio para a mãe, visto que no período pré-parto as experiências interativas entre o corpo da mãe e o do bebê preparam-na para o cuidado após o nascimento (Winnicott, 1998/2020). Essa preparação inicial é importante, porque, após o nascimento, cabe à mãe exercer a função de *holding* (sustentação física e emocional), que irá proporcionar ao bebê as bases da personalidade, acompanhando o ritmo de desenvolvimento de suas tendências herdadas (Serralha, 2017a). Nesse contexto, cabe ao pai proteger a mãe de aspectos invasivos do ambiente externo ainda no período gestacional (Moraes & Granato, 2016). Para os participantes:

A construção da paternidade começa aí, quando estamos indo ao médico e ouvindo o que tem que ser feito. O fato de estarmos juntos e entendendo isso dá uma segurança, uma tranquilidade durante a gestação. Acredito que a minha esposa teve indícios fortes de que não estaria sozinha e de que estávamos construindo uma parceria (P3).

A minha presença no pré-natal acredito que tenha sido mais significativa para a minha esposa, porque ela se sentia mais confiante e tranquila, era um momento que ambos estavam ali dando suporte um para o outro (P9).

As interações vividas pelos pais-homens com seus próprios genitores também

impactam na constituição da paternidade, pois estes transmitem referenciais para os seus filhos que podem servir tanto de exemplo de parentalidade saudável, como de comportamentos a serem repensados (Liskoski & Jung, 2018). Além do mais, a ausência paterna pode ser um fator que dificulta a paternidade de futuros pais-homens (Andrade et al., 2018). P5 relatou que não teve uma referência de figura paterna, apesar de ter conhecido o pai; essa ausência paterna, porém, não tornou a construção da sua paternidade mais difícil, pois a construiu baseada nas relações vividas com a sua esposa e naquilo que acreditavam.

Além dos genitores, o meio social também exerce influência para a construção da paternidade. De acordo com Moraes (2017), o pai traz consigo a necessidade de expressar e compartilhar experiências com outros pais-homens e essa troca possibilita a formação de um modelo híbrido de paternidade a partir dos seus referenciais de vida, dos modelos culturalmente predominantes e do uso dos chamados modelos horizontais de paternidade. Um exemplo disso foi o de P10, que disse não ter tido uma inspiração, mas, de acordo com ele:

A gente cresce com uma noção do que é um bom pai, acho que é algo que mesmo não sendo pai, se alguém pergunta a gente sempre tem uma imagem de pai ideal, que deriva um pouco da nossa experiência e do que a sociedade espera de um homem.

O nascimento de um filho também parece constituir a possibilidade de amadurecimento pessoal, ao proporcionar reflexões sobre o valor da vida e da relação conjugal. Tornar-se pai é sentido por alguns homens como um ponto de mutação entre a infância e a vida adulta, sendo que o nascimento de um filho representa a certeza de ter concluído uma fase e de estar começando uma nova, com outras experiências e compromissos sociais (Freitas et al., 2009). Isso pôde ser visto no relato de P6, que apontou que *“é como se ele deixasse de ser um filho e*

se tornasse um pai, um adulto que de verdade está cuidando de uma cria.”

A licença paternidade e as interações e cuidados com os filhos

Esta categoria diz respeito aos relatos dos pais-homens sobre as interações e cuidados com os filhos durante a licença paternidade, e como esta auxiliou no desenvolvimento da relação pai-bebê. De acordo com Polli, Gabriel, Piccinini e Lopes (2016) e Trindade, Cortez, Dornelas e Santos (2019), o fortalecimento do vínculo pai-bebê é estimulado no compartilhamento das tarefas de cuidado ao filho com a parceira-puérpera. Essas interações, quando mutuamente satisfatórias, auxiliam no desenvolvimento de autoconfiança e efetividade do pai, o que melhora a interação, além de facilitar o processo de parentalização.

Ao interagir com os filhos, os pais-homens acabam modificando as suas fantasias sobre o filho imaginado (Levandowski & Piccinini, 2002; Serralha, 2017a). Um exemplo disso se encontra no relato de P3: *“pode ter várias teorias de como cuidar de um bebê, mas você só consegue colocar isso de forma funcional praticando”*. P8 também relatou acreditar que é necessário vivência para entender as necessidades básicas do bebê *“o início da vida com o bebê é um momento em que se aprende muito. É nesse período que se entende as necessidades básicas e que estas estão sendo aprimoradas de forma instintiva; porém, para isso, é necessário vivência.”*

Ainda foi notado um senso de valorização do tempo passado com o filho. De acordo com P2, *“a licença permite adotar uma rotina melhor e sem sobrecarregar a outra parte, além de ajudar a estreitar os laços familiares”*. P9, por sua vez, relatou: *“a minha filha foi a realização de um sonho, então a licença foi um momento para tentar conhecê-la, mesmo sendo um período curto.”* Esses relatos são semelhantes aos encontrados na pesquisa de Santos et al., (2019), que constatou que os momentos de intimidade são cruciais para o estabelecimento do vínculo pai-bebê.

Concomitante a isso, os participantes reconheceram que são figuras importantes na vida familiar, o que faz com que ocorra a criação de pequenos espaços de afeto e sustentação emocional, mostrando que homens e mulheres podem exercer diferentes funções (materna e paterna), sem estarem submetidos às fronteiras de gênero (Moreira, 2022; Melo, Fenner, Abaid, & Kruehl, 2020). Além do mais, foi constatado nos relatos dos participantes que estes se veem como figuras importantes para o desenvolvimento do filho (Silva et., 2014). Assim, pôde-se notar também que a variação da duração da licença paternidade é algo que afeta as vivências dos pais-homens nos dias iniciais. Aqueles que tiveram cinco dias de licença não consideraram esse tempo de licença suficiente. Mesmo os pais-homens que tiveram a licença ampliada consideraram-na curta, levando em conta as demandas e necessidades que passam a existir com a chegada de um filho. A respeito disso, P6 relatou: *“cinco dias é insignificante em relação às tarefas e desafios, não vejo esse período como suficiente, mas vejo alguma coisa”*; P4 disse: *“em cinco dias você não conhece nada, as dificuldades que você vai enfrentar, mesmo depois de vinte dias você não sabe, imagina com cinco dias”*; P3 considerou que mesmo os vinte dias é um período curto: *“um mês ou dois seria o tempo mínimo, eu nem imagino como seria na minha cabeça ter cinco dias, a angústia que seria estar no trabalho.”*

Essa visão dos participantes acerca da quantidade de dias, está em consonância com a visão dos participantes da pesquisa de Matos e Magalhães (2019), que consideraram que uma licença curta não atende as necessidades de participação paterna após o nascimento do filho, ou seja, a curta duração da licença acaba sendo um contrassenso diante das demandas de maior participação paterna. Além disso, uma licença curta como a existente atualmente desconsidera os aspectos burocráticos e as emoções que surgem nos homens após o nascimento do filho, tendo, portanto, apenas um efeito simbólico (Oliveira & Brito, 2009).

Alguns pais-homens, descontentes com esse período curto de licença, demonstraram

interesse em uma licença paternidade maior, se possível. P4, por exemplo, tentou a licença paternidade ampliada em até cento e oitenta dias, porém não obteve resposta sobre seu pedido até o momento da entrevista, em que suas filhas já tinham nascido. P5 e P7 pediram férias, mas, no final, passaram apenas cinquenta dias com seus filhos.

Cherer, Sonogo, Piccinini e Lopes (2018), em sua pesquisa, notaram que o tempo, as normas sociais, culturais e jurídicas, quando associadas ao papel e ao conceito tradicional de masculinidade, atuam como estrutura que sustenta a desigualdade de gênero relativa a espaços de atuação de homens e mulheres em relação ao cuidado. Na presente pesquisa, pôde-se perceber um movimento dos pais-homens para passarem mais tempo com os seus filhos. P3, por exemplo, relatou: *“baseado em uma lei brasileira, inclusive de juiz federal, eu tentei uma licença paternidade estendida”*; P5 relatou ter ficado 50 dias em casa: *“eu fiquei os 20 dias da licença paternidade e os 30 dias de férias”*; P7, assim como P5, também entrou de férias logo após o nascimento das filhas e, de acordo com ele:

Se fosse só 5 dias eu acho que demoraria mais tempo para me habituar com os próprios ritmos. Como eu entrei de férias, eu não trabalhei, não viajei, então participei de tudo aqui em casa, mas também não dormi, não descansei, eu passei por tudo aquilo que as mulheres passam quando elas ficam com mais tempo de licença (P7).

O único participante que teve uma visão contrastante à da maioria dos participantes foi P1, que teve vinte dias:

Pensando no contexto econômico do empregador e da família, não acho que cinco dias seja pouco, é óbvio que é mais cansativo, porém mais importante que cinco dias é ter flexibilidade. Ter uma flexibilização talvez seja mais importante, olha o empregador [...] se fico quase um mês,

o período letivo é quatro meses, mas muita gente emenda a licença com férias, olha a qualidade de serviço que eu vou levar para os meus alunos, olha os alunos que vou levar para o Estado.

Essa visão de P1 pode ser decorrente de vários fatores, entre estes, o confronto de vivências intergeracionais da masculinidade tradicional, das forças sociais e discursivas sobre o “novo pai”; e a centralidade da temática trabalho para o homem (Castoldi et al., 2014). A falta de amadurecimento do pai também é um fator que pode estar atrelado a essa visão. De acordo com Serralha (2017b), alguns pais-homens não conseguem sair da condição de serem cuidados para a condição de cuidadores. Nesses casos, é difícil para a pessoa se colocar na posição do outro – no caso, mãe e bebê.

Além disso, Almeida, Pereda e Ferreira (2016), em sua pesquisa sobre os custos da ampliação da licença paternidade no Brasil, constataram que a ampliação de uma licença paternidade para os principais setores da atividade econômica brasileira não impactaria o empregador. Na realidade, segundo os autores, existem evidências de que a licença paternidade, em países onde essa licença foi implementada há mais tempo e possui extensão relativamente mais longa, ajuda a promover maior interação dos pais-homens com os filhos recém-nascidos, sendo que uma licença paternidade mais curta nem sempre consegue provocar o mesmo efeito.

Contudo, independentemente do tipo de visão, pode-se perceber que os participantes enfrentaram dificuldades em relação a grandes jornadas de trabalhos. Essa dificuldade também foi encontrada nos participantes da pesquisa de Castoldi et al., (2014). Porém, mesmo que o trabalho exerça grande influência nas práticas dos cuidados (Silva & Piccinini, 2007), os participantes dessas pesquisas continuaram se esforçando para cuidar e estar perto dos seus filhos após o fim da licença paternidade. De acordo com P7: *“eu me sentia um pouco mal, porque eu queria estar em casa com as minhas filhas à noite.”* Logo no começo, quando eu

voltei, foi muito difícil retornar para a cidade que eu trabalho”; P8 relatou ter se sentido castrado: *“é um momento muito ruim, ter essa sensação é complicado, porque somos obrigados a trabalhar para sustentar nossos filhos, porém ao mesmo tempo somos privados.”*

Outra questão que chamou atenção foi a visão que os participantes têm sobre a licença paternidade e o conhecimento acerca desta. P1 disse que não conhecia a licença paternidade ampliada: *“fiquei conhecendo antes do meu filho nascer”*; P2 também não sabia da possibilidade de ampliação, porém, de acordo com ele, *“constava no nosso estatuto”*; P6 conhecia a licença paternidade, porém relatou: *“a ideia da licença é muito simplista, principalmente se formos considerar o pouco tempo, o pai tem menos de uma semana para participar desse momento”*; P7 também trouxe alguns apontamentos mais específicos acerca da licença, mencionando a forma como são contados os dias de licença, que atualmente é de forma corrida. De acordo com ele, essa maneira de contabilizar os dias de licença *“é uma falha.”*

Atualmente é difícil fazer um levantamento confiável sobre o percentual de pais-homens que tiraram a licença paternidade nos últimos anos, sendo que essa falta de estimativas representa um dos grandes desafios no campo da paternidade no país. O que se sabe de maneira concreta a respeito da licença paternidade é que: os servidores federais têm direito à licença paternidade estendida, assim como os trabalhadores de empresas vinculadas ao Programa Empresa Cidadã (Instituto Promundo, 2019). Sabe-se também que até 2017, apenas 12% das 160 mil empresas elegíveis haviam aderido ao programa (Instituto Promundo, 2019). Também existem poucos estudos sobre o desdobramento do programa; a maioria dos estudos existentes discutem a permanência das mulheres no mercado de trabalho e/ou as diferenças salariais entre homens e mulheres cadastrados nessas empresas (Fernandes, 2021).

Os participantes relataram a questão dos espaços que os homens ocupam nos cuidados dos filhos. Os pais-homens carecem de materiais sobre esses cuidados e têm pouco hábito de discutir questões referentes ao cuidado e criação dos filhos, diferentemente das mulheres. P8 relatou: “*nós homens temos poucos hábitos para falar disso, diferente das mulheres que se organizam em várias redes de fortalecimento; nós homens estamos cada um por si*”.

De acordo com Castoldi et al., (2014) é comum familiares, parceiras, colegas e profissionais de diversos serviços, inclusive os de saúde, não compreenderem e não estimularem a participação do homem, privando-o de atenção no início da gestação e até mesmo após o parto. A falta de espaços para os homens discutirem a paternidade, pode impactar negativamente o processo de apropriação da paternidade, assim como a expressão de afeto. Além do mais, a falta de representações acaba impactando não só o homem enquanto indivíduo, mas também os serviços e políticas que serão fornecidas a ele (Trindade et al., 2019).

Licença paternidade e seu reflexo na nova dinâmica familiar

Nesta categoria estão incluídos os relatos dos pais-homens sobre a forma como a sua presença impactou sua esposa/companheira. A mãe é, nos primeiros meses de vida de bebê, o elemento central do universo social e afetivo deste (Souza & Lemos, 2018), cabendo a ela fornecer cuidados “suficientemente bons” (Rosa, 2009). Porém, para que essa mãe consiga fornecer esses cuidados, é necessário a existência de um ambiente adequado para ela e para o bebê. O papel de sustentar as necessidades da mãe, para que ela possa ser liberada de preocupações alheias ao bebê, acaba sendo da figura paterna, que se torna o principal cuidador da dupla mãe-bebê (Rosa, 2009; Serralha, 2017a). Os participantes da pesquisa parecem perceber a importância da sua presença para a sua esposa/companheira quando relatam:

A minha esposa sentiu sim [o retorno do participante ao trabalho], ela sentiu falta por causa desse suporte, ela tinha que fazer tudo, como também estava nessa fase um pouco depressiva era mais difícil, não sei mas acho que ela deve ter sentido mais, não lembro dela reclamando, mas lembro dela mais cansada nessa época. (P5)

Acredito que se tivesse tido mais dias, eu teria conseguido dar mais atenção para ela [filha] e para a minha esposa, nós dois somos pais de primeira viagem, então foi um momento novo e de novas descobertas para ambos, então eu teria conseguido me adaptar e aproveitar melhor. (P9)

Os participantes demonstraram se sentir importantes dentro da relação familiar e capazes de cuidar do filho, da esposa e da casa. Sentiram que tinham ações que só eles podiam desempenhar. Para P2, “*poder estar algumas horas com a criança e com a mãe é bom, porque tira um pouco da carga da mulher que está passando por grandes pressões, por estar lá consigo, auxiliar em cuidados rotineiros*”; P3 relatou que o cuidado diário com a filha fez eles criarem um vínculo especial: em “*momentos de cólica, por exemplo, que são mais intensos no início, tinha vez que a única forma de passar essa cólica era comigo; eu colocava ela no meu peito e começava a falar e cantar, e ela se acalmava.*”

Os participantes também demonstraram ser bem participativos nas tarefas diárias mesmo antes da chegada dos filhos. P4 disse que ele e a esposa sempre dividiram tudo, desde fazer comida a lavar roupa. P7 também disse que sempre compartilhou os cuidados domésticos com a esposa e, por causa disso, considerou que “*ter tido uma vivência de partilha, da casa, dos cuidados, dos problemas, acho que isso já foi constituindo o estilo do pai que seria de querer participar.*” O compartilhamento de pequenos detalhes de acordo com a literatura, enriquece o vínculo

conjugal e a família, favorecendo a formação social e emocional da criança, além de criar situações de bem-estar, apoio e segurança para todos os envolvidos no processo (Dal-Rosso et al., 2019; Ferreira et al., 2016).

Ainda, o fato de estarem disponíveis, seja para cuidar do bebê ou para ouvir sua companhia, é uma atitude favorável à prevenção do desgaste psicológico, além de auxiliar no desenvolvimento do vínculo com o filho. Portanto, a presença do pai tem função preventiva e de suporte em casos de depressão e não-responsividade materna (Oliveira & Brito, 2009; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2012; Santos et al., 2019). P5 parece ter compreendido bem o seu papel com relação a isso quando relatou:

Não foi diagnosticado, mas ela teve uma espécie de depressão pós-parto. Nesses 20, 30 primeiros dias, foi mais eu que dei os cuidados para a minha filha, para que a minha esposa pudesse repousar, enfim se recuperar tanto da cirurgia quanto dessa situação que ela estava vivenciando que era assim de baixo hormonal, de experimentar essa depressão, porque a minha esposa é uma pessoa muito alegre, então todo mundo estava assustado.

A rede de apoio, também parece ter sido bem importante para esse período inicial e algo bem presente. Contudo, a ausência desta também foi relatada pelos participantes. P3, por exemplo, disse não ter nenhuma rede de apoio na cidade em que morava:

A licença deu para mim e para a minha esposa uma certa ancoragem, se tivéssemos uma emergência não tínhamos a quem recorrer, então isso também foi um fator que de uma forma ou outra nos fez criar uma parceria muito grande, é um pelo outro e ponto final, não tem como delegar isso. (P3)

De acordo com Moraes e Granato (2016), a ausência de uma rede de apoio formal

faz com que os homens busquem acolhimento junto a amigos e familiares e, quando essa também não existe ou é pouco presente, os pais-homens podem se sentir menos confiantes e mais sobrecarregados (Backes et al., 2018). Já a presença de uma rede social de apoio é evidenciada, pela literatura, como um fator que auxilia na criação dos filhos, pois os pais-homens, ao contarem com a ajuda de outros familiares ou amigos próximos, sentem-se mais seguros, apoiados e tranquilos (Backes et al., 2018).

Considerações finais

No presente estudo, foi perceptível as mudanças que estão ocorrendo na vivência da paternidade, uma vez que houve interesse dos participantes pela temática, bem como de vivenciar a oportunidade de deixar clara sua visão acerca da licença paternidade. Além disso, observou-se a participação ativa dos pais-homens durante o período de licença, que foi vivenciado com intensidade pela maioria dos participantes. Eles se mostraram envolvidos nos cuidados com os filhos e demonstraram considerar o período da licença paternidade importante para aproximação, constituição de laços e auxílio às suas esposas/companheiras.

Os resultados também mostraram que a licença expandida ainda é considerada curta, mesmo que já seja um avanço, pois cinco dias não conseguem suprir de forma alguma as demandas e necessidades que surgem com a chegada de um bebê, chegando a ser irrelevante. Na perspectiva dos participantes, foi observado que a licença possui falhas, mas há falta de estudos e pesquisas que subsidiem uma discussão ampla e profunda sobre a temática.

Entende-se que a licença cumpre o seu papel de propor uma maior participação dos pais-homens nos cuidados dos filhos, porém, o trabalho dos pais ainda representa um grande impeditivo para o oferecimento desses cuidados. O retorno ao trabalho parece que não afeta somente os homens. De acordo com os participantes, existe um impacto nas

esposas/companheiras, embora seja difícil mensurar isso com clareza em razão da falta de estudos sobre a temática de licença paternidade.

Os achados deste estudo também reforçam a importância da figura paterna para o filho e para a esposa/companheira. A partir da análise dos relatos, notou-se que a presença dos homens no pré-parto gera conforto para as mulheres e, no pós-parto, gera uma menor sobrecarga a elas. Ficou claro, também, o quanto a chegada de um filho mobiliza questões subjetivas nos pais e que, por não passarem pelas mudanças fisiológicas que as mulheres passam, a licença serve como um período de assimilação. A falta de estudos e pesquisas sobre a temática paternidade, sobre o cuidado paterno e sobre as políticas públicas acerca da paternidade representa um grande problema. Como esses estudos são escassos, é difícil mensurar e comparar de maneira precisa os impactos e entender como os homens compreendem e aproveitam esse período.

Foi possível, ainda, notar que os homens carecem de espaços de escuta e acolhimento e que a temática acerca dos cuidados dos filhos ainda está muito restrita às mães. Os participantes demonstraram ter interesse em passar mais tempo com seus filhos. Somente um dos participantes trouxe a questão da flexibilização de horário no trabalho, os outros não trouxeram formas de como poderiam estar mais próximos dos seus filhos.

Ressalta-se também que este estudo foi realizado com um grupo pequeno de participantes, o que não permite generalizações. Mas, espera-se que este estudo, de alguma forma, possa viabilizar novas pesquisas e estudos sobre a temática. É necessário a realização de pesquisas que busquem entender os modos como a licença paternidade impacta a mãe e o bebê de forma mais profunda, como também explorar mais a percepção dos homens acerca desse período.

Referências

- Almeida, S., Pereda, P., & Ferreira, R. (2016). Custos da ampliação da licença-paternidade no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 33(3), 495-516. doi: [10.20947/S0102-30982016c0003](https://doi.org/10.20947/S0102-30982016c0003)
- Andrade, C. J., Praun, L. D., & Benincasa, M. (2018). O cuidado dos filhos sob a responsabilidade paterna: mudanças de paradigmas nas relações familiares. O cuidado paterno frente às reconfigurações familiares. *Vínculo-Revista do NESME*, 15(2), 27-41. doi: [3c79c4f3165443f374c-335b](https://doi.org/10.3c79c4f3165443f374c-335b)
- Backes, M. S., Becker, A.P.S., Crepaldi, M.A., & Vieira, M.L. (2018). A paternidade e fatores associados ao envolvimento paterno. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(61), 66-81. doi: [10.38034/nps.v27i61.417](https://doi.org/10.38034/nps.v27i61.417)
- Castoldi, L., Gonçalves, T. R., & Lopes, R. C. S. (2014). Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. *Psicologia em Estudo*, 19(2), 247-259. Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/115638>
- Cherer, E. Q., Sonogo, J.C., Piccinini, C.A., & Lopes, R.C.S. (2018) A experiência da paternidade ao final do primeiro ano de vida do bebê. *Psico*, 49(2), 127-136. doi: [10.15448/1980-8623.2018.2.26574](https://doi.org/10.15448/1980-8623.2018.2.26574)
- Dal-Rosso, G. R., Silva, S.O., Pieszak, G.M., Ebling, S.B.D., & Silveira, V.N. (2019) Experiências narradas por homens no exercício da paternidade: rompendo paradigmas. *Revista de Enfermagem*, 9(3), 1-18. doi: [10.5902/2179769228653](https://doi.org/10.5902/2179769228653)
- Fernandes, F.S. (2021). "A gente tem esse direito": a licença paternidade brasileira

- na perspectiva dos pais. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/20355>
- Fiterman, H., & Moreira, L.V.C. (2018). O pai na gestação, no parto e aos três meses de vida do primeiro filho. *Polis*, 17(50), 47-68. doi: [10.4067/S0718-65682018000200047](https://doi.org/10.4067/S0718-65682018000200047)
- Freitas, W.M., Silva, A.T.M.C., Coelho, E.A.C., Guedes, R.N., Lucena, K.D.T., & Costa, A.P.T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Rev. Saúde Pública*, 43(1), 86-90. doi: [10.1590/S0034-89102009000100011](https://doi.org/10.1590/S0034-89102009000100011)
- Gil, A. C. (2019). Pesquisa Social. In: Gil, A.C, *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (pp.26-32). São Paulo: Atlas.
- Haslinger, C., & Bottoli, C. (2017). Tornar-se pai: as implicações da reprodução humana assistida. *Barbarói*, (49), 94-119. doi: [10.17058/barbaroi.v0i49.6020](https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.6020)
- Instituto Promundo. (2019). *A situação da paternidade no Brasil 2019: Tempo de agir*. Rio de Janeiro. Recuperado de: <https://promundo.org.br/recursos/spb2019/>
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C. A. (2002). A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. *Psicologia: reflexão e crítica*, 15(2), 413-424. doi: [10.1590/S0102-79722002000200018](https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000200018)
- Liskoski, P. F., & Jung, S. I. (2018). Nove meses na vida do homem: o envolvimento do pai na gestação. *Universo Acadêmico*, 11(1), 305-323. Recuperado em <http://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/Nove%20meses%20na%20vida%20do%20homem.pdf>
- Matos, M. G., & Magalhães, A. S. (2019). Ser pai na contemporaneidade: demandas contraditórias. *Psicologia Revista*, 28(1), 151-173. doi: [10.23925/2594-3871.2019v28i1p151-173](https://doi.org/10.23925/2594-3871.2019v28i1p151-173)
- Melo, M. G. S., Fenner, P. C., Abaid, J. L. W., & Krueel, C. S. (2020). O cuidado ao bebê e a construção da parentalidade: o pai em foco. *Research, Society and Development*, 9(1). doi: [10.33448/rsd-v9i1.1595](https://doi.org/10.33448/rsd-v9i1.1595)
- Menezes, M.S.L., Scorsolini-Comin, F., & Santeiro, T.V. (2019) Envolvimento Paterno na relação mãe-bebê: revisão integrativa da literatura. *Psicologia em Revista*, 25(1), 19-39. doi: [10.5752/P.1678-9563.2019v25n1p19-39](https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n1p19-39)
- Moraes, C. J. A., & Granato, T. M. M. (2016). Tornando-se pai: uma revisão integrativa da literatura sobre a transição para a paternidade. *Psicologia em Estudo*, 21(4), 557-567. doi: [10.4025/psicoestud.v21i4.29871](https://doi.org/10.4025/psicoestud.v21i4.29871)
- Moraes, C. J. A. (2017). *Tornando-se pai: narrativas de casais grávidos sobre a transição para a paternidade*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil. Recuperado de <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/15758>
- Moreira, G. C. (2022). *Construções de novas paternidades: a experiência subjetiva de homens frente aos desafios contemporâneos*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, MG, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/34975>
- Moura-Ramos, M., & Canavarro, M. C. (2007). Adaptação parental ao nascimento de um filho: Comparação da reactividade emocional e psicossintomatologia entre

- pais e mães nos primeiros dias após o parto e oito meses após o parto. *Análise Psicológica*, 25(3), 399-413. Recuperado de <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/15736>
- Oliveira, E. M. F., & Brito, R. S. (2009). Ações de cuidado desempenhadas pelo pai no puerpério. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 13(3), 595-601. doi: [10.1590/S1414-81452009000300020](https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000300020)
- Piccinini, C. A., Silva, M.R., Gonçalves, T.R., Lopes, R.S., & Tudge, J. (2004). O Envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: reflexão e crítica*, 17(3), 303-314. doi: [10.1590/S0102-79722004000300003](https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300003)
- Piccinini, C. A., Levandowski, D.C., Gomes, A.G., Lindenmeyer, D., & Lopes, R.S. (2009). Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estudos de Psicologia*, 26(3), 373-382. doi: [10.1590/S0103-166X2009000300010](https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000300010)
- Piccinini, C. A., Silva, M.R., Gonçalves, T.R., Lopes, R.C.S., & Tudge, J. (2012). Envolvimento paterno aos três meses de vida do bebê. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 28(3), 303-314. doi: [10.1590/S0102-37722012000300006](https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000300006)
- Pinheiro, L., Galiza, M., & Fontoura, N. (2009). Novos arranjos familiares, velhas convenções sociais de gênero: a licença-parental como política para lidar com essas tensões. *Estudos Feministas*, 17(3), 851-859. Recuperado em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000300013&lng=pt&nrm=iso
- Polli, R. G., Gabriel, M.R., Piccinini, C.A., & Lopes, R.C.S. (2016). Envolvimento paterno aos 12 meses de vida do bebê. *Psico*, 47(3), 198-208. doi: [10.15448/1980-8623.2016.3.23205](https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.3.23205)
- Rosa, C. D. (2009). O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. *Natureza Humana*, 11(2), 55-96. Recuperado em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200003&lng=pt&nrm=iso
- Santos, C. V. M., & Antunez, A. E. A. (2018). Paternidade afetivamente inscrita: modalidades de interação na relação pai-bebê. *Arquivos brasileiros psicologia*, 70(1), 224-238. Recuperado em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000100016&lng=pt&nrm=iso
- Santos, C. V. M., Campana, N. T. C., & Gomes, I. C. (2019). Cuidado Parental Igualitário: revisão de literatura e construção conceitual. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 35, 1-12. doi: [10.1590/0102.3772e35311](https://doi.org/10.1590/0102.3772e35311)
- Santos, A. F., Jesus, G. G., Battisti, I. K. (2021). Entrevista semi-estruturada: considerações sobre esse instrumento na produção de dados em pesquisas com Abordagem Qualitativa. In *Anais do 29º Seminário de Iniciação Científica*. Cuiabá, MT. Recuperado em <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/20805>
- Serralha, C. A. (2017a). *O Ambiente facilitador winnicottiano: teoria e prática clínica*. Curitiba: CRV.
- Serralha, C. A. (2017b). A teoria do amadurecimento e as novas configurações familiares. *Natureza humana*, 19(2), 163-177.
- Silva, B. T., Silva, M., & Bueno, M. (2014). Eventos intra e extrafamiliar significativos no processo de construção da paternidade. *Escola Anna Nery de Enfermagem*, 18(4), 710-715. doi: [10.5935/1414-8145.20140101](https://doi.org/10.5935/1414-8145.20140101)

- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573. doi: [10.1590/S0103-166X2007000400015](https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400015)
- Souza, J. C., & Lemos, M. F. (2018). Observação da relação mãe-bebê nos primeiros meses de vida. *Perspectivas em Psicologia*, 22(1), 18-37. doi: [10.14393/PPv22n1a2018-03](https://doi.org/10.14393/PPv22n1a2018-03)
- Souza, L. K. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67. Recuperado em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&nrm=iso
- Trindade, Z., Cortez, M. B., Dornelas, K., & Santos, M. (2019) Pais de primeira viagem: demanda por apoio e visibilidade. *Saúde e Sociedade*, 28(1), 250-261. doi: [10.1590/S0104-12902019170892](https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170892)
- Vieira, V. I. L., (2018). Vivências da Vinculação Pai-Filho (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Saúde de Viana do Castelo, Viana do Castelo. Recuperado em <http://repositorio.ipvc.pt/handle/20.500.11960/2147>
- Winnicott, D. W. O recém nascido e sua mãe. (2020). In: Winnicott, D.W, *Os bebês e suas mães* (pp.29-43). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1987).

Dados sobre as autoras:

- *Julia do Couto Bueno*: Graduada em psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro-Bolsista CNPq EDITAL N° 13/2020/PROPPG.
- *Conceição Aparecida Serralha*: Psicóloga (Universidade Federal de Uberlândia). Mestrado e Doutorado em Psicologia Clínica (Pontifícia Universidade Católica). Pós-doutorado em Psicologia (Universidad Argentina John F. Kennedy - UK - Buenos Aires) e em Filosofia da Psicanálise (Universidade Estadual de Campinas).

Declaração de Direito Autoral

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de sermos um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais e científicas desde que citada a fonte conforme a licença CC-BY da Creative Commons.



[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
